Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 200

13 de abril de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos!

Esta série de aulas sobre o Louis Lavelle ilustra de uma maneira particularmente clara o que é que pode ser um conceito unificado de Filosofia. Tomei aqui algumas notas que não pus online porque ainda estão em um estado de rascunho, mas vou ler para vocês. (Mais tarde eu as ponho online.)

O título é “Da Filosofia em busca da sua auto-definição”:

“Definir a filosofia é reconhecidamente um problema espinhoso, a tal ponto que o Dicionário Cambridge de Filosofia prefere contorná-lo, esquivando-se de conceder um verbete ao termo que designa o seu próprio assunto (1). (...)”

Não é extraordinário um dicionário de Filosofia onde não consta o verbete “Filosofia”?

“Os outros dicionários em geral oferecem uma resenha histórica das sucessivas definições, variadas e inconexas o bastante para que a sua suma corresponda a uma ausência de definição. Inúmeras introduções à filosofia, e não todas elas de valor somente escolar, consideram que a dificuldade de defini-la é um componente essencial da filosofia mesma, já que uma das funções desta é precisamente buscar a definição de tudo o mais. Outros consideram que a falta de definição, ao menos inicial, é benéfica ao estudante que assim será levado a mergulhar na experiência viva do filosofar, sem ter antecipadamente um controle intelectual da situação. Outras, por fim, oferecem como definição o simples enunciado do especial projeto filosófico escolhido por seus autores, sem se importar com o fato de ele não se aplicar a outras filosofias, ou livram-se do problema mediante a alegação de que estas estavam enganadas quanto às possibilidades e limites do empreendimento filosófico e de que portanto a filosofia começa por eles mesmos. (2) (...)”

Esse é particularmente o caso da Filosofia Analítica. Como ela praticamente domina todo o horizonte anglo-saxônico, suas premissas não são nem discutidas, elas já são tomadas por pressuposto. E a idéia é de que a Filosofia é apenas, no fim das contas, a análise da linguagem, especialmente a científica. Claro que, partindo disso, houve depois muitos outros desenvolvimentos que não são muito coerentes com essa premissa, mas na base continua a definição de que a Filosofia é a análise da linguagem científico-filosófica. Por quê? Porque é isso

que nós estamos fazendo. E o que os outros faziam? Bom, só é Filosofia quando coincide com isso que nós estávamos fazendo. Quando faziam outra coisa não era Filosofia, era uma outra coisa qualquer.

“Guillermo Fraile, na introdução da sua monumental *Historia de La Filosofia*, afirma que, nos primórdios da investigação filosófica, esta indefinição era simplesmente natural: os homens começaram primeiro filosofando sobre os temas que se lhe apresentavam e só pouco a pouco, quando a filosofia alcançou um certo nível de maturidade, foi possível e necessário refletir sobre a própria atividade filosófica. Decorridos dois milênios e meio, a persistente ausência de uma definição consensual parece a muitos uma situação vexatória o bastante para lançar dúvidas sobre a viabilidade, talvez a sanidade, do empreendimento filosófico enquanto tal. Mas uma breve e esquemática resenha das sucessivas definições apresentadas ao longo das eras bastará ao menos para sugerir que uma definição unitária subjacente existe já desde há muito tempo, só faltando declará-la.

Nos tempos de Sólon e Péricles o termo “filosofia” aparece com o sentido de mero amor ao conhecimento, no sentido genérico, sem o objeto determinado. O amante da sabedoria, *philosophos*, diz Heráclito, tem de saber muitas coisas. Essa afirmação continua verdadeira e, no devido momento, ela nos levará para mais perto da definição unificada do que poderia aparecer à primeira vista. Já com o próprio Heráclito e com Parmênides, no entanto, a atividade cognitiva aí sugerida adquire uma conotação peculiar: não se trata de saber muitas coisas pelo mero prazer do colecionismo erudito, mas de buscar por trás delas um sentido unitário, uma chave, um princípio universal que o primeiro desses filósofos denominará o *logos* e o *segundo*, o *ser*.

Sócrates e Platão prosseguirão na mesma busca, mas com o atenuante de que não esperavam chegar à posse deste conhecimento e sim somente aproximar-se dele na escassa medida acessível ao ser humano (3). (...)”

Quer dizer, a definição do filósofo como mero amante, e não como um detentor da sabedoria, é atribuída geralmente a Pitágoras, mas não se tem uma certeza histórica dessa atribuição — o que se sabe é que ali nos diálogos socráticos este sentido da palavra já está consolidado e já aparece de maneira explícita.

“Platão, portanto, assinala Vittorio Mathieu, punha o acento sobre o momento dinâmico da aspiração, donde também a sua desconfiança do discurso escrito e a sua propensão ao diálogo (4). (...)”

Então, evidentemente, há a idéia de um momento dinâmico — ou seja, a busca —, e existe um momento estático que é a doutrina final ou as conclusões. No caso de Platão a doutrina final é bastante nebulosa e indefinida, mesmo porque é expressa em geral em um discurso mítico. No próprio *Timeu*, que é o tratado cosmológico de Platão, é difícil saber onde ele está falando no sentido literal — ou seja, quando ele está se referindo a fatos do mundo físico — e quando está usando uma figura de linguagem. Também é evidente que há desconfiança quanto aos discursos escritos. Platão acreditava mais no ensinamento oral porque este tinha a dinâmica, a flexibilidade necessária para um tipo de ensinamento que não estava transmitindo uma doutrina pronta, mas que consistia basicamente num diálogo e numa busca — esse seria o sentido da palavra *zeté*, *zetético*, que quer dizer “a busca” e se opõe então ao *dogmático*. Mas na Filosofia nós temos os

dois momentos: (a) o zetético, que é o da busca; (b) e o dogmático, que é o da afirmação — se bem que muitas vezes não se chega a afirmação alguma.

“O próprio Aristóteles, que tenta transcender o mero esforço investigativo e constituir a filosofia como doutrina científica (5) (...)”

Portanto, onde teoricamente o momento dogmático deveria predominar...

“(...) ao enunciar o projeto da Filosofia Primeira (mais tarde chamada Metafísica), destinada a se tornar a rainha das ciências filosóficas, denomina-a modestamente “a ciência que buscamos” (6). (...)”

Portanto não é “a ciência que possuímos”. Mais ainda: é inegável que ao longo de toda a sua obra Aristóteles sempre tenha usado o método dialético. Embora tenha inventado a demonstração analítica (lógica), ele nunca a usa. Aristóteles sempre utiliza um método dialético, que é a confrontação de hipóteses.

“Aí a identidade do *philosophos* como aspirante e amante em vez de possuidor do saber já está historicamente consolidada. Mas o termo agora traz consigo uma nuance especificadora que também se consolidará como sinal de um dos traços constantes da atividade filosófica. O amante da sabedoria não se contenta em buscar a posse de um bem que cessante se esquivava, mas ele próprio é e deve ser profundamente transformado tanto pelo esforço mesmo da busca — com toda a disciplina, a abnegação e o sacrifício que implica — quanto pela responsabilidade que advém dos fragmentos de conhecimento a que venha tendo acesso pelo caminho (7). (...)”

Ou seja, ele não está apenas buscando um conhecimento; ele está buscando também adequar a sua alma às exigências dessa busca, portanto ele se submete a uma disciplina intelectual e moral necessária para fazer dele um buscador da Sabedoria, e as parcelas de sabedoria as quais ele venha a ter acesso também tenham um efeito modificador, transformador, sobre a sua própria alma. Então, a esses dois momentos de que fala Vittorio Mathieu — o momento estático e o dinâmico — é preciso acrescentar também a idéia do momento autotransformador ou ético ou pedagógico da Filosofia.

“A filosofia é portanto um guiamento da alma, uma disciplina de vida, uma forma superior de moralidade que se opõe aos confortos fáceis da *doxa* — a opinião geral. A alma não possui a sabedoria, mas é de certo modo possuída, comandada e moldada por ela (8). (...)”

Na medida em que a busca e na medida em que a encontra (parcialmente).

“Nos diálogos socráticos, a dialética não é somente uma técnica da investigação da verdade, mas uma regra moral que deve [0:10] presidir a conduta do investigador, forçando-o a curvar-se às exigências do discurso coerente em vez de deixar-se levar pelo hábito ou pelas preferências do momento. A coerência do discurso aí aparece como um símbolo da unidade principal que se busca no fundo da variedade dos fenômenos e ao mesmo tempo como padrão de unidade da coerência que busca (9). (...)”

Esse é o detalhe fundamental. Se existe no fundo de tudo algum princípio unificador, mesmo que ele nos escape, a busca desse princípio unifica também a nossa alma e a nossa visão das coisas. Mas não só a nossa visão das coisas, ela unifica o nosso próprio ser com a nossa visão das coisas, ou seja, você passa a viver coerentemente com a sua visão das coisas a qual, por sua vez, está amoldada ao princípio unificador do cosmos.

Essa busca da unidade é ao mesmo tempo externa e interna. Ou seja, a unidade da alma, a unidade da consciência, é a condição necessária para que você encontre a unidade principial do universo, a unidade do real e o princípio unificador do real, no sentido de que uma alma fragmentária não perceberá a unidade atrás de nada — perceberá apenas uma espécie de confusão multicolorida. Essa confusão multicolorida é o que Platão diz que constitui este baixo mundo, ao passo que, à medida que ascendemos mediante o esforço dialético, vamos encontrando um padrão de unidade cada vez mais centralizado, mais denso, por assim dizer. Quando você passa da multiplicidade dos estímulos sensíveis ao plano das idéias já houve aí uma redução, uma simplificação e uma unificação dos elementos em jogo. Ou seja, as idéias são em menor número do que os seres que as reproduzem neste mundo. Uma única idéia contém em si o princípio gerador de muitos seres. E o conjunto das idéias, por sua vez, se unifica numa etapa superior que é a busca dos princípios. Essa busca é mais o que Platão reservou para o ensinamento oral, que hoje em dia já está bastante reconstituído depois da obra *Para Uma Nova Interpretação de Platão* — que já tem mais de 20 anos — do Giovanni Reale.

Então existe o que Platão chamava de “duas navegações”: uma navegação até as idéias (ou formas), e outra das formas até os princípios. Essas navegações estavam destinadas de algum modo a fracassar, mas elas tinham efeitos unificantes tanto sobre a visão que o filósofo tinha do cosmos quanto um influxo unificador sobre a própria alma do filósofo. Esse influxo unificador se expressa, se manifesta e também em parte se auto-constitui através da coerência do discurso. E o que é a coerência do discurso? Não é nada mais do que a unidade das conclusões com as premissas. O discurso deixa de ir a várias direções opostas e incompatíveis ao mesmo tempo, mas busca constantemente retornar às suas premissas para não se desmentir pelo caminho, ou seja, não iniciar um outro discurso inconexo pelo caminho. A unidade do discurso aparece aí como (1) um símbolo externo, ou uma manifestação externa da própria unidade do real, em primeiro lugar — que o real tem uma unidade é evidente, e somente um discurso unificado e coerente pode chegar até lá —, e por outro lado (2) é um símbolo ou manifestação da própria unidade da alma e portanto é um mandamento ético que o filósofo tem de obedecer. Ele não pode se desmentir — não porque isso seja apenas uma falha técnica da lógica, mas porque isso feriria o seu compromisso de prosseguir coerentemente na investigação do princípio unificador.

Então, essa é a origem moral da lógica, e quem esquece isso e a trate como se fosse uma coisa totalmente autônoma perde o melhor da história e acaba sempre aplicando a lógica de maneira errada. Uma coisa incrível é que alguns dos grandes lógicos do século XX, como Bertrand Russell ou Rudolf Carnap, quando tentam analisar coisas do mundo real, social e histórico, dizem cada bobagem descomunal... Se o camarada tinha tanto domínio da lógica como é que ele comete essas asneiras? Bom, ele tem domínio só sobre o aparato externo da lógica, não sobre sua fonte inspiradora. Quer dizer, se sua alma é fragmentária, se você não tem concentração, atenção

e fidelidade suficientes à busca, não adianta apoiar-se na unidade externa do discurso porque esta é somente um símbolo, uma sombra. A verdadeira unidade não está no nível do discurso, mas está no nível da consciência que o produz.

Portanto, às vezes têm filósofos que dão menos atenção ou têm um domínio menor da lógica, mas que acabam errando menos do que esses camaradas. Por quê? Porque eles estão dando atenção à raiz da lógica e não apenas ao seu maquinário externo, que pode perfeitamente ser reproduzido por um computador que consegue fazer raciocínios lógicos muito mais extensos e complexos que os nossos, ao ponto de que alguns desses raciocínios não podem ser conferidos pela mente humana — são tão complexos e tão longos que nem o cérebro humano pode acompanhar aquilo em todos os passos. Você pode dizer que o computador raciocina melhor do que nós. Sim, aliás, todo equipamento que existe e que o ser humano construiu desde que inventou o primeiro porrete é para fazer alguma coisa melhor do que o ser humano pode fazer. Essa é a coisa mais óbvia do mundo. Quando a pessoa diz que os computadores vão acabar pensando melhor do que nós, por exemplo. Bom, mas eles foram feitos para isso! Se fosse para pensar pior do que nós, para que um computador? Bastaria nós mesmos. O primeiro sujeito que montou um cavalo fez isso porque o cavalo andava mais rápido do que ele; senão, para que o cavalo? Então, todo e qualquer equipamento que o ser humano use é para aumentar o seu poder — na verdade, não é que aumenta, é que o equipamento tem um poder a mais que o ser humano não tem; o ser humano apenas se serve desse poder. Se você tentar pregar um prego com a mão em vez de usar um martelo, entenderá do que eu estou falando — pegue um prego, bata assim, e você verá o que acontece. Agora, se você usar um martelo, logo conseguirá pregar o prego. Isso quer dizer que o martelo tem mais capacidade de pregar pregos do que a nossa mão, e ele foi feito para isso. O computador também foi feito para pensar melhor do que nós, para raciocinar melhor do que nós. Mas o problema é o seguinte: a busca da verdade está no plano do raciocínio ou este é apenas um dos múltiplos elementos? Tente você, se puder, resolver qualquer problema filosófico ou científico só com raciocínio, sem usar percepção, memória, concentração, ou coisa alguma. Isso é a mesma coisa que pedir para um computador resolver sozinho todos os problemas. O computador a esta altura pedirá demissão e dirá: estou aqui só para fazer a parte raciocinante, mas você que é o ser humano tem de me dar as ordens, as informações, e tem de me controlar de alguma maneira. Senão é como esperar que um martelo sozinho pregue todos os pregos — sim, um martelo prega um prego melhor do que a nossa mão, mas ele não o faz sozinho, muito menos pode decidir onde o prego deve ser pregado (não é na testa, certamente).

Isso quer dizer que uma confiança excessiva no poder da lógica reflete, na verdade, uma espécie de fetichismo onde o ser humano pega um aparato que ele inventou e se protege sob ele para se isentar da responsabilidade pessoal — e eu não tenho a menor dúvida de que uma boa parte dessa escola analítica caiu nisso, inclusive nas suas dissensões internas. É como essa discussão que eu estava tendo no *facebook* a respeito dos *libertarians*. Quando eu falava alguma coisa — “ah, os *libertarians* disseram não sei o quê...” —, sempre aparecia alguém dizendo que nem todos os *libertarians* diziam aquilo e que tinha um lá que falou uma outra coisa. Todas essas escolas são assim: elas têm dissensões internas de maneira que no conjunto podem se isentar de responsabilidade por ter dito qualquer coisa, porque sempre há alguém lá dentro que disse outra. Isso é assim com o marxismo, com os *libertarians*, com a filosofia analítica e com todas essas

filosofias coletivas. São sempre assim. Sempre há algum subterfúgio a que se apegar. Então, discussões neste nível para mim não são legítimas, sobretudo [0:20] quando entra nesse tipo de discussões ou abordagens o famoso problema do raciocínio metonímico — ao qual eu já me referi em uma gravação que devo ter feito aqui neste curso mesmo.

Raciocínio metonímico consiste em designar as idéias, as doutrinas e as coisas por certas qualidades parciais que elas manifestam e não pela sua substância. Isso aqui é uma coisa básica porque o raciocínio metonímico se tornou endêmico no mundo. É muito difícil escapar disso. O exemplo que eu dou — um entre muitos — é o seguinte: quando Karl Marx enuncia o projeto da revolução socialista ele define o socialismo como a socialização dos meios de produção com vistas a criar uma sociedade sem classes. Isso define o socialismo? Não. Isso define algo que você espera que o socialismo faça, mas não diz o que é socialismo. Se você examinar substantivamente verá que o socialismo é a unificação de poder político e poder econômico na mão de uma mesma classe — enquanto nas outras sociedades esses dois poderes nunca estão completamente concentrados em uma só classe; há uma certa divisão. Então, por exemplo, você verá que nem todos os camaradas que têm as maiores fortunas são também os governantes — eles podem, é claro, subornar ou comprar governantes, mas se têm de comprá-los isso prova que eles mesmos não são os governantes. Existe sempre um hiato, mesmo em sociedades mais arcaicas. Na sociedade feudal, por exemplo, vemos uma diferença brutal de poder entre a sociedade, a classe militar e o clero — que viviam às turras um com o outro e tendo de negociar. Se o sujeito tinha um problema com o clero, corria para pedir a proteção do senhor de terras; se tinha problema com o senhor de terras, corria para pedir a proteção da Igreja. Do mesmo modo, nas democracias capitalistas se você tem um problema com os ricos você corre para a autoridade civil, e se tem problema com a autoridade civil, vai pedir dinheiro emprestado a um amigo rico e sair correndo.

O socialismo é substantivamente a unificação desses dois poderes na mão de um só grupo bastante reduzido — menor do que qualquer classe social, na verdade. E depois de ter concentrado todas as formas de poder possíveis (poder político, militar, econômico, intelectual etc.) nas suas mãos, como é que esse grupo vai fazer para reparti-lo? Em parte alguma se explica isso. Essa repartição, na verdade, é impossível, porque implica a autodemolição do aparato governante — que é uma coisa que nunca vai acontecer.

Isso quer dizer que durante cem anos as pessoas discutiram socialismo pelas suas qualidades parciais. Ora, a designação do todo pela parte é o que se chama metonímia. É o raciocínio metonímico. Então estamos discutindo as qualidades do socialismo sem nunca perguntar o que é substantivamente o socialismo. Você pode procurar: na obra inteira de Karl Marx ele não diz o que é socialismo, ele só fala das suas qualidades — quando fala. Na verdade, a maior parte é dedicada à análise do capitalismo e quase nada fala do socialismo. Mas se procurar em Lênin, Stálin, você também não encontrará. O primeiro sujeito que disse que socialismo é a unificação de poder econômico e político fui eu. Isso é um escândalo! Como é que ninguém percebeu isso antes quando isso é a própria definição da coisa? Simples: ninguém se interessou pela definição. Começaram a discussão dos prós e contras a partir das qualidades alegadas. Então, por exemplo, uma sociedade sem classes é possível ou é impossível? É desejável ou não é desejável? É de

acordo com a natureza das coisas ou contra a natureza das coisas? E assim prosseguiu essa discussão durante cento e tantos anos sem ninguém perguntar do que estavam falando e qual era a substância disso; ou seja, a que ação real corresponde essa proposta.

Do mesmo modo, a ideologia dos *libertarians* é todinha exposta por metonímias. Não há uma definição substantiva do que quer que seja. Ora, isso assinala para mim uma temível crise da inteligência humana, porque é um festival de estupidez, de cegueira, como nunca se viu no mundo. Vemos milhões de pessoas — pessoas inteligentes até — discutindo qualidades sem saber do que essas qualidades são qualidades. Isso acontece a toda hora.

Do mesmo modo quando o pessoal fala do casamento gay. Casamento gay é uma metonímia, evidentemente, porque ele só tem uma parte das atribuições do casamento. Ele não tem, por exemplo, a definição dos papéis sexuais respectivos, portanto não tem a definição das obrigações conjugais. Então, o que é um casamento sem a definição das obrigações conjugais? Só é um casamento sob certo aspecto, somente porque simula algumas qualidades do casamento propriamente dito. Ficam discutindo o pró e contra do casamento gay, mas não vi ninguém discutir o que é casamento gay e qual é a sua fórmula contratual. O casamento é evidentemente um contrato. O que está contratado propriamente ali? Que as pessoas vão morar juntas etc? Mas isso não é um casamento. O que define o casamento são as chamadas obrigações conjugais que se cumprem na cama — claro que elas não são obrigatórias, mas são elas que definem o casamento. Não são obrigatórias porque pode haver uma desistência mútua — pode haver uma desistência mútua, porém não unilateral. Quer dizer, o casamento sem a definição das responsabilidades conjugais não é um casamento (mas é considerado, como diriam os escolásticos, um casamento sob certo aspecto). Então é evidentemente um conceito metonímico. As pessoas ficam discutindo se são a favor ou contra, mas evidentemente essa discussão só pode gerar confusão.

Nas outras aulas eu mencionei (de passagem) e escrevi um artigo¹ para o *Diário do Comércio* em que eu condensei em uma página e meia essa teoria que não só tenho exposto mas tenho aplicado muitas vezes, que é a seguinte: a História é feita das ações e decisões humanas que em princípio são livres, porém, quando os homens nas suas decisões e ações se deixam guiar por alguma idéia ou conceito que eles não compreendem na sua totalidade — principalmente quando tendem à compreensão metonímica e não substantiva —, a definição substantiva desse conceito, que está embutida e oculta por baixo dessas ações e que permanece inconsciente para todos eles, acaba por manifestar ao longo da História as suas conseqüências lógicas inevitáveis. Ou seja: o que acaba sendo feito e realizado não são as qualidades metonímicas e sim a substância oculta da idéia. E este fenômeno aparece não só no campo das doutrinas e das propostas políticas explícitas mas sobretudo no campo dos símbolos que unificam essas propostas para a imaginação popular. Nesse artigo eu dou o exemplo, mas se você pegar a letra da Internacional Comunista verá que todo o destino do comunismo — tudo que ia acontecer em seguida — está anunciado na

¹ “Profecias do diabo”; *Diário do Comércio*, 22 de abril de 2013;
<http://www.olavodecarvalho.org/semana/130422dc.html>

primeira estrofe. A letra foi escrita em 1871, depois vagamente adaptada para ser posta em música em 1888 e virou o símbolo unificador do movimento comunista no mundo inteiro. O que diz essa letra? Ela conclama os “danados da terra”, os “prisioneiros da fome” a realizar a revolução [0:30] socialista mundial. Mas quem está conclamando? Quem é o autor do apelo? Daí vem o verso fatídico: *La raison tonne en son cratère*. A razão ronca dentro de sua cratera. O apelo da revolução é o apelo da Razão, da deusa da revolução francesa (1789).

Porém, a razão tem um ronco como o de um trovão; ela é um trovão, mas é um trovão que não vem do céu e sim do fundo de uma cratera. Portanto, a razão que aparece aí não é um ideal superior pelo qual os homens devam se modelar, mas é uma força subterrânea, uma força ctônica, uma força infernal. Curiosamente, esta força infernal é da mesma definição do socialismo, que estava embutido e soterrado embaixo de todo o falatório ideológico pró e contra o socialismo. Então o socialismo que se realizou efetivamente foi aquele que estava embutido guardado no fundo da cratera. E o verso seguinte é pior ainda, porque diz: “*C’est l’éruption de la fin*”, é a erupção do fim. Mas fim do que? Não diz. As pessoas subentendem, metonimicamente, que deve ser o fim das injustiças. Pode ser o fim das injustiças, mas muitas outras coisas acabarão junto com as injustiças. Então o fim, desacompanhado do genitivo que explique do que, é o fim, portanto é morte e destruição — e foi somente isso, de fato, que o comunismo obteve.

Então, chamo isso profecia demoníaca porque, ao contrário da profecia propriamente dita que vemos na história sacra, ela é obscura e só pode ser compreendida *ex post facto* — depois do fato consumado. Ao passo que a profecia real já diz, antecipadamente, o que vai acontecer, e ela em princípio deve se cumprir literalmente, sem que haja margem para grande confusão. Por exemplo, se você ler o antigo testamento, verá que o destino trágico dos judeus já está todo dito lá. O sujeito que leu o testamento percebeu que a sua vida não seria fácil, pois já estava escrito lá. No novo testamento está anunciado claramente no Apocalipse a autodestruição da Igreja no fim dos tempos. Não há como escapar, não tem outro sentido. Quando diz que um terço das estrelas vai cair, todos sabemos que no contexto do novo testamento as estrelas significam os bispos, então um terço dos bispos trairá. E não aconteceu? Aconteceu literalmente, tal e qual. Porém, a profecia demoníaca se anuncia não pela substância dos fatos previstos, mas pelas qualidades que se espera obter através dessa transformação. E o que acaba acontecendo realmente não é a realização das qualidades e sim a efetivação da substância da profecia oculta. Então, isso quer dizer que esse tipo de profecia demoníaca tem uma lógica interna, só que a premissa dela está oculta. Depois que acontece vemos que estava tudo lá e que é de uma lógica implacável.

Tudo isso é um parêntese sobre o pensamento metonímico. E, curiosamente, a filosofia ao longo dos tempos tem sido definida metonimicamente, por qualidades que se espera que ela obtenha ou por um tipo de conhecimento que se espera que ela produza, e não pelo que os filósofos efetivamente fazem. Quer dizer, isto é coisa mais óbvia do mundo: se você quer definir a filosofia, tem de entender que a filosofia é alguma coisa que as pessoas estão fazendo. Então você tem de se perguntar o que elas estão fazendo, não o que se espera que elas venham a produzir. Mas tem de se perguntar o que elas estão fazendo realmente, porque nada diz que o filósofo tem de chegar a alguma conclusão — alguns não chegam. E, em segundo lugar, nada diz

que os filósofos têm de permanecer vivos até chegar às últimas conclusões das suas investigações — nem por isso eles deixam de ser filósofos, pois se o sujeito morre no meio do caminho, o que ele estava fazendo não deixou de ser filosofia. Portanto, a filosofia não pode ser definida por essas qualidades que se espera que ela alcance.

Houve várias tentativas de definir a filosofia. Primeiro, defini-la pelo seu objeto. Por exemplo, se diz que a filosofia seria o estudo do todo, enquanto a ciência estuda umas partes. Mas acontece que não existe um todo senão mediante as suas partes; quer dizer, sem a enumeração das partes não há todo nenhum. Mas e quando terminará a enumeração das partes para que nós possamos ter o todo? Quer dizer que será só o capítulo final da ciência, então quando a ciência terminar de dizer a sua última palavra aí teremos uma filosofia. Essa definição é, obviamente, utópica. Você pode dizer que a filosofia se distingue, então, pelos seu métodos. Mas eu respondo que não, pois a filosofia usa todos os métodos, inclusive o próprio método científico. Também pode dizer que filosofia vai sempre pela razão, mas eu lhe digo que em alguns casos não, ela diz que tem de seguir a revelação, portanto não há nenhuma unidade de método. Então ela não pode ser definida pelos seus métodos, não pode ser definida pelos seus fins e não pode ser definida pelo seu objeto. Pode ser definida pelo que, então? Pela atividade real dos filósofos, que é isso que eles estão fazendo, porque a existência da filosofia é um dado histórico inegável. Se existiu uma atividade chamada filosofia e muitas pessoas se entregaram a esta atividade, então basta averiguar se entre o que todos fizeram havia alguma unidade e você definirá a filosofia exatamente enquanto uma atividade.

Prosseguirei aqui:

“Nos diálogos socráticos, a dialética não é somente uma técnica da investigação da verdade, mas uma regra moral que deve presidir a conduta do investigador, forçando-o a curvar-se às exigências do discurso coerente em vez de deixar-se levar pelo hábito ou pelas preferências do momento. A coerência do discurso aí aparece como um símbolo da unidade principal que se busca no fundo da variedade dos fenômenos e ao mesmo tempo como padrão de unidade da coerência que busca (9). Hoje sabe-se, para além de qualquer dúvida razoável, que todas as escolas filosóficas gregas, sem exceção, eram escolas de sabedoria, nas quais a busca do conhecimento se irmanava à disciplina moral voltada ao aperfeiçoamento da alma. A variedade das orientações que aí aparecem — epicurismo, estoicismo, ceticismo, neoplatonismo etc. —, bem como a ênfase maior ou menor no momento teórico ou prático do aprendizado, não muda em nada essa regra geral (10).”

Quer dizer, umas enfatizavam. Por exemplo, o epicurismo enfatizava muito mais o lado prático da coisa que a teoria — a teoria dele é bastante capenga. Em outros casos, como no neoplatonismo, o momento teórico era maior. É apenas uma diferença quantitativa, pois em todas elas havia esta síntese de uma busca teórica que deveria ter um efeito prático sobre a alma e que, por sua vez, requeria da alma uma adaptação às condições morais e intelectuais da busca.

“(…) não muda em nada essa regra geral (10). Em todos os casos, uma doutrina sobre o conhecimento e sobre a estrutura da realidade se desenvolve *pari passu* com o aprendizado das virtudes requeridas para a vida filosófica.

No período medieval, a ênfase recai sobre o momento especulativo e teorético **(11)** (...)”

Ou seja, não vemos muito a filosofia dedicada a esta parte do aprendizado moral, porque o aprendizado moral tinha sido absorvido pela prática religiosa. Então já havia a disciplina moral relativamente pronta, e a ela a filosofia se anexava como uma espécie de complemento. Quando se diz que a filosofia é uma serva da teologia é neste sentido: há a vida moral requerida para a busca da verdade — a qual já não é um problema filosófico em si, porque temos a solução dada na revelação e basta tirar as consequências práticas disto, então você pode se dedicar mais profundamente à investigação teorética. E, de fato, durante a Idade Média a investigação teorética dá um salto monumental em relação a tudo que veio antes.

“(...) mas a unidade de teologia e filosofia era tão estreita que repetia, num quadro cultural e organizacional diverso, a mesma síntese grega do saber e da conduta. [0:40] A esta altura, um outro elemento estrutural da filosofia já havia se tornado evidente: por mais que seus praticantes se esforçassem para chegar a uma doutrina estável, uniforme e consensual, o processo da investigação filosófica continuava eminentemente dialético ou dialógico **(12)**.”

Ou seja, havia dissensões sempre e essas dissensões é que alimentavam o debate filosófico, e esse debate filosófico era a própria investigação filosófica.

“É um erro, já superado há muito tempo, imaginar que existisse nas universidades medievais um corpo de doutrina filosófica universalmente aceito a ser passado de geração em geração por mero aprendizado. A variedade das doutrinas alimentava um ambiente de discussão acalorada — até mesmo no campo puramente teológico —, onde a originalidade e a criatividade dos pensadores individuais predominavam amplamente sobre qualquer presunção de homogeneidade consensual. **(13)**”

Aqui nós já temos um elemento fundamental para o conceito da filosofia.

“Como atividade eminentemente dialógica, a filosofia não teria como escapar de uma das suas determinações mais características e permanentes, assim resumida por Vladimir Soloviev:

A filosofia, na sua qualidade de conhecimento refletido, é sempre obra da razão pessoal. Ao contrário, nas outras esferas da atividade humana geral, a razão individual, a pessoa isolada desempenha um papel antes passivo: é a espécie que age. Uma atividade impessoal aí se manifesta, semelhante a do formigueiro ou da colméia. É indubitável, com efeito, que os elementos essenciais na vida do homem — língua, mitologia, formas primitivas da sociedade — são, na sua formação, inteiramente independentes da vontade consciente das pessoas isoladas. Quanto à religião em sentido próprio, ela também não pode ser inventada; nela também a pessoa isolada enquanto tal desempenha um papel antes passivo, desde logo, na medida em que uma revelação exterior independente do homem é reconhecida como fonte objetiva da religião e, em seguida, porque o fundamento subjetivo da religião é a crença das massas populares determinada pela tradição comum, e não pelas pesquisas da razão pessoal. O conhecimento filosófico, ao contrário, é conscientemente o ato da razão pessoal ou do indivíduo isolado, em toda a claridade da sua consciência individual. O sujeito filosófico é por excelência o *eu* isolado enquanto cognoscente. **(14)**”

Então quando chegou na Idade Média, este traço já estava nítido e já não podia mais ser negado. Louis Lavelle insiste muito no seguinte: a filosofia é uma só, porém há uma filosofia para cada cabeça de filósofo. Portanto, esta unidade na diversidade é característica da filosofia. Todos estão fazendo a mesma coisa, mas cada um está fazendo de um jeito; e a diferença desses vários jeitos é o que vai dar justamente a história da filosofia. Se a filosofia tivesse por objetivo chegar a uma conclusão doutrinal final que se impusesse uniformemente a toda a humanidade, isto ou já deveria ter acontecido ou é impossível de acontecer. E, no entanto, a filosofia prossegue com uma variedade alucinante de expressões individuais que, curiosamente, sempre têm alguma utilidade dentro da filosofia, mesmo aquelas cujo conteúdo conclusivo você rejeita completamente — o que não acontece nem nas ciências nem na religião.

Para absorver o cristianismo não é preciso conhecer as outras religiões nem conhecer as heresias. Os elementos antagônicos são externos ao conhecimento. Na ciência, você não estuda a história de todos os erros científicos. Veja uma história das ciências, por exemplo: só tem as grandes conquistas e descobertas, as quais são certamente em número menor dos que as teorias e hipóteses erradas que foram sendo abandonadas pelo caminho. Quando é mencionada uma hipótese errada é apenas como uma curiosidade histórica — como a famosa teoria do flogístico ou a genética de Lysenko etc.. Eles não fazem parte da história da ciência. A história da ciência é a história das descobertas científicas e não dos seus erros. Porém, na filosofia não podemos dispensar nem mesmo aqueles filósofos que consideramos estar errados, porque eles fazem parte da confrontação e do diálogo. Portanto, vemos aí dois traços definidores da filosofia: (a) ela é eminentemente pessoal e (b) eminentemente dialógica — quer dizer, o sujeito é um indivíduo que produz, mas ele não a produz no ar, ele a produz na confrontação com outras pessoas que estão fazendo a mesma coisa. Na Idade Média isso já estava claro.

“Com o advento da Modernidade, os sucessos da ciência física e astronômica produziram entre os filósofos a ambição de produzir a doutrina explicativa, universal e final — isso aparece nitidamente em Descartes, Spinoza e, em parte, também em Leibniz. Mas logo a proliferação das doutrinas em disputa desfez essa ilusão, sem contar que, ao lado dos grandes sistemas universais do racionalismo clássico, se desenvolviam outras orientações em que o acento recaia novamente sobre a busca e a investigação, como por exemplo, em Michel de Montaigne (15).”

Michel de Montaigne é um filósofo cético que aparece em plena época do racionalismo clássico. Os filósofos estão lá construindo os grandes sistemas que teoricamente vão explicar o universo inteiro — mais ou menos como Newton dava uma explicação mecanicística de tudo o que acontecia no universo —, e ao mesmo tempo está lá Michel de Montaigne, dizendo que é tudo dúvida e incerteza e que ele não sabe de coisa nenhuma, e aparece também Francisco Sanches² com o livro *Quod nihil scitur* (Que nada se sabe). Eles são contemporâneos do surgimento da ciência moderna e, portanto, do racionalismo clássico com os seus grandes sistemas explicativos. Mas não podemos sequer definir esta época dizendo que foi a época do racionalismo clássico. Foi para alguns, mas para outros era uma coisa completamente diferente.

² Nota: “O autor correto desta obra é o português Francisco Sanches. Pedro da Fonseca, ao contrário, foi um dos grandes escolásticos portugueses (talvez o maior) e comentador de Aristóteles, ele mesmo sendo conhecido como “o Aristóteles Português”.” (Daniel Alves, COF)

Portanto, mesmo na época em que esta ambição do sistema explicativo universal aparece com toda a sua força, ela não tem um poder de persuasão consensual e na verdade não tem o poder universalmente explicativo que ela pretende.

No entanto, esses esforços para criar esses sistemas continuam sendo coisas absolutamente notáveis, ainda que os seus resultados — no que diz respeito as conclusões objetivas — sejam inaceitáveis; quer dizer, dificilmente alguém chegará a ser um filósofo se não enfrentar durante algum tempo Descartes, Spinoza e Leibniz. Então, algo ele aprenderá com isso. Mas o quê? A validade das conclusões? Certamente não, é alguma outra coisa.

“A simples comparação dos sistemas basta para mostrar que o caráter personalíssimo da busca filosófica continuava predominando sobre toda ambição de conclusão estável. Na segunda metade do século XVIII, desfeita a ilusão do sistema explicativo universal, o ceticismo de Hume aparece como um amargo despertar dos sonhos totalizantes (16).”

Ou seja, Hume retoma os argumentos céticos, agora com uma força corrosiva terrível. E a única resposta que ele vai encontrar é a resposta de Kant. A segunda parte dessa apostila eu não escrevi ainda, mas devo escrever durante a semana.

Hume diz que todo o conhecimento é duvidoso, que nós não sabemos se o mundo exterior existe, não sabemos nem se nós mesmos existimos, não sabemos se por trás dos nossos estados mentais existe um *eu* unificador, não sabemos se coisa nenhuma. O que acontece? Kant recebe esse duplo legado: por um lado a ciência newtoniana, na qual ele acreditava piamente — portanto ele acreditava que era possível chegar a uma descrição efetiva da realidade, uma descrição cientificamente válida —, e por outro lado ele lia os argumentos de Hume e também concordava. “Aqui a ciência é possível, porém a ciência é impossível.” Ele tem de resolver esse enigma e o resolve fazendo o famoso giro, que ele vai chamar a sua revolução copernicana, dizendo que a validade do conhecimento não depende da sua coincidência com o suposto universo exterior, mas da sua coincidência com as exigências imanentes da própria razão. Não se pode mais nem falar de verdade, pode se falar de validade. Então o conhecimento científico é válido na medida em que, por um lado, dá conta da parcela de experiência que nos é acessível e que, por outro lado, está de acordo com as exigências da razão, as quais são as mesmas em todas as cabeças humanas e que portanto têm universalidade. [0:50] Então há uma espécie de validade universal e não propriamente uma veracidade.

Nós precisamos concordar com as conclusões de Kant? De maneira alguma. Porém, dificilmente também alguém chegará a ser filósofo se não se enfrentar com esses problemas que Kant tratou, ainda que sem poder acompanhá-lo até as suas últimas conclusões. No século XIX aparece novamente uma tentativa de fazer da filosofia uma doutrina universalmente válida, mas partindo de uma base kantiana. Essa tentativa é o positivismo de Augusto Comte. O que interessa aí já não é a veracidade no sentido antigo da coincidência entre pensamento e coisa, mas sim a cientificidade dos resultados obtidos — se forem cientificamente defensáveis, então são válidos. E este novo sistema alia uma espécie de modéstia cognitiva — no sentido do Kant — com a presunção de validade universal e, portanto, de exclusão de todas as outras filosofias possíveis. Ainda assim, vemos que todas essas tentativas de validar universalmente uma filosofia sempre

acabam sendo uma filosofia entre outras. Então o diálogo, a diversidade e a investigação continuam.

Ora, não é preciso nem prosseguir até o século XX para ver os seguintes traços permanentes e definidores da filosofia. Diz Heráclito que o filósofo tem de saber muitas coisas. Quantas coisas? Ilimitadas. Ele olha essas coisas em busca de uma unidade que ele pode não encontrar e, de fato, não encontra, mas à qual ele se dirige. A filosofia é evidentemente um esforço unificador; um esforço de abrangência e de unificação do conhecimento. Este esforço de unificação retroage sobre a alma do investigador unificando-a por sua vez, porque ele tem de manter a coerência, integridade e unidade do seu esforço, sem o qual a unidade que ele busca no real lhe escapará por completo. Daí vem a definição da filosofia: *a filosofia é a busca da unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice-versa*. Isso é o que a filosofia sempre foi e sempre será. Isso significa que, por um lado, ela não pode aspirar a chegar a conclusões definitivas porque estas pressuporiam que aquelas muitas coisas que o filósofo tem de saber tivessem chegado ao seu último saber — ou seja, sabemos tudo e agora podemos tirar conclusões. Porém isso não existe. Em segundo lugar, qualquer busca do conhecimento que esteja totalmente isolada desta atividade acabará por não fazer sentido nenhum. Por quê? Vamos supor que você descobriu um fato aqui e outro ali. Você não tem a menor idéia de uma conexão possível entre eles e, portanto, você não tem idéia do seu sentido. Toda e qualquer descoberta científica é sempre assim: ela não traz consigo o seu sentido. Isto é impossível porque a busca do sentido não é objeto de nenhuma ciência, é objeto da filosofia. Ainda que o sentido que se encontre seja precário e provisório, ele é absolutamente indispensável.

A filosofia é a busca de um senso de orientação no universo das coisas conhecidas. Mas, não só uma busca de um senso de orientação, é a busca de um senso de responsabilidade cognitiva integral — a máxima possível dentro das condições ambientes. Dado o estado presente dos conhecimentos, o máximo de unificação da consciência abrangendo o máximo de conhecimentos possíveis é o padrão da responsabilidade intelectual para aquele momento. E esta é a função da filosofia: manter a responsabilidade intelectual no seu nível mais alto. Isso é a filosofia — ela nunca foi outra coisa e nem será. Essa definição cobre todos os filósofos sem exceção. O filósofo que negar que existe um sentido estará tentando manter alto o padrão da responsabilidade intelectual e estará dizendo que, de acordo com o máximo de conhecimentos que pode abranger no momento, é tudo um caos e uma confusão. O que ele estará fazendo? Ele estará buscando a unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice versa. Portanto, essa definição se aplica a Nietzsche, Heráclito, Kant ou qualquer outro — eles sempre fizeram isto. Não há objetivamente dificuldade alguma de encontrar a definição unificadora de toda a filosofia universal. Eu a dei aqui e disso não há escapatória. Não há nenhum filósofo que não tenha feito exatamente isto. Isso supõe que: 1) essa atividade muda de conteúdo e orientação conforme os novos fatos que vão entrando no horizonte de conhecimento possível e também conforme aqueles que vão sendo esquecidos — portanto, é uma atividade que tem de ser continuada a cada geração; 2) ela dá a medida da responsabilidade intelectual ou cognitiva para todas as ciências, teologias ou ideologias, porque é a única disciplina que se dedica a isto.

No final do livro *Sabedoria e ilusões da filosofia*, Jean Piaget diz o seguinte: “A filosofia não produz conhecimento nenhum, apenas dá um senso de orientação”. Isso está certo, o que está errado é a palavra “apenas”. Sem o senso de orientação você não pode dizer sequer que os conhecimentos parciais são conhecimentos, porque aquilo que não se integra dentro de um horizonte racionalmente compreensível não é propriamente um conhecimento, mas é um conhecimento virtual, uma possibilidade de conhecimento. Nesse sentido, por exemplo, a teoria científica mais elaborada e mais perfeita — a física quântica, elaborada no século XX —, não é um conhecimento, mas um conhecimento virtual porque aqueles que a praticam eles mesmos afirmam que não a compreendem. Eu não compreendo a física quântica, Richard Feynman que foi prêmio Nobel de física disse que também não e, de fato, ninguém a compreende. Nós sabemos de certos fatos, mas não temos a menor idéia a que eles se referem; nós não temos idéia do que estamos falando. Em que sentido isso é conhecimento? Isso não é conhecimento ainda — pode se tornar conhecimento dependendo do senso de orientação que você acrescenta a isso e, nesse sentido, o Wolfgang Smith tem razão no livro *O Enigma Quântico*. Ele fez um upgrade da física quântica transformando-a num conhecimento compreensível. Ora, o que não é compreensível é um enigma e o que é enigma não pode ser conhecimento ao mesmo tempo. Está dada a definição e explicado o que o Louis Lavelle quis dizer com a idéia de que a filosofia é uma só, porém são muitas ao mesmo tempo.

[Intervalo]

Responderei poucas perguntas porque esta aula de hoje gastou meus últimos neurônios; eu estou me sentindo um pouco idiota e temo dizer alguma besteira. Responderei as perguntas mais simples.

Aluno: Sou novo aqui e esta é a minha primeira aula. Gostaria de saber se o senhor indica os livros de filosofia do Mario Sergio Cortella.

Olavo: Eu não indico nada do que esse sujeito fale ou escreva. Esse homem é muito burro.

Aluno: A unificação simbólica produzida artificialmente pelo comunismo, na submissão ignorante do sujeito a termos desconhecidos, não seria a substituição do senso comum em sua melhor acepção formada por séculos pelo uso da razão pelos homens mais comuns e pela tradição da experiência humana?

Olavo: Com toda a certeza. Um dos versos da Internacional Comunista diz: “*Du passé faisons table rase*” — do passado somos tábua rasa. [1:00] Isso significa esquecer, apagar o passado. Apagar o passado não significa que você se torna livre dele, ao contrário, significa apenas que você o joga para o inconsciente, como foi hábito durante meio século da *Enciclopédia Soviética* retirar do passado os personagens que tinham sido retroativamente indesejáveis — inclusive apagando ou trocando na fotografia a cabeça do sujeito e colocando outra no lugar. Não se pode esquecer que durante sessenta anos os habitantes da União Soviética viveram sem ter informação do que estava acontecendo lá dentro ou fora. Isso é realmente apagar o passado. Mais ainda, apagar o passado é também esquecer toda a experiência acumulada e desprezar a humanidade. Por exemplo, quando as pessoas vêm propostas como essa do casamento gay. O casamento gay

jamais existiu; mesmo em culturas pequenas que aceitavam a convivência de um homem com um tipo transexual, o homem era desprezado por isto. Mesmo nas tribos indígenas onde se aceitavam homossexuais ou transexuais, eles não participavam de assembléias — eram considerados como se fossem menores de idade. Tem o livro do Randy Engel, *The rite of sodomy: Homosexuality and the Roman Catholic Church*, um livro de 1200 páginas — pesquisa mais ampla que já se fez sobre isso e que não deixa a menor dúvida. Se a humanidade inteira rejeitou isto, ou nem mesmo levou em consideração, é uma coisa que deveríamos pensar um pouco. Será que nossa geração é tão mais inteligente do que a humanidade inteira — de todas as culturas, épocas e lugares? Será que eram todos imbecis, preconceituosos e só nós somos iluminados? Essa presunção em si mesma é louca.

Aluno: Gostaria de saber como você faz para emitir opinião tão acertadamente com os fatos. Quanto mais reviso os seus comentários, mais percebo que tens razão e quanto trabalho deu para formar uma pequena idéia solta em um artigo. Existe alguma técnica?

Olavo: Eu acabei de explicar qual é essa técnica: isto é a filosofia. É a devoção integral da alma ao máximo de responsabilidade intelectual que você possa obter; ou seja, abranger o maior horizonte possível de conhecimentos e buscar por trás dele algum princípio de unidade e coerência, sabendo que você só se aproximará dele como numa assíntota. Você não chegará lá de jeito nenhum, mas fará o melhor possível para manter a unidade e coerência, não só do conjunto mas também da sua alma na medida em que ela é moldada por esse esforço. Isto é a única coisa que precisa fazer.

Se você quer algumas regras técnicas, há várias. Uma delas eu já indiquei no começo deste curso: a tolerância com o estado de dúvida. Se você necessita de uma certeza imediatamente, desista da filosofia. Se você não é capaz de conviver com uma dúvida por anos e anos, você não conseguirá. Em segundo lugar, quando você consegue esclarecer um pedacinho pequeno, às vezes você vê que em volta tem mais sombra do que tinha antes. Isso acontece o tempo todo. Esta convivência com o estado de dúvida tem um efeito energético sobre a inteligência humana. Você também tem de fazer da sua inteligência uma serva da busca da verdade no sentido substantivo da coisa. Quando eu digo substantivo, é o seguinte: não permita jamais que uma palavra ou um símbolo exerça sobre você um efeito ou resposta emocional direta. Procure reportar aquilo aos fatos e ações efetivas que aquilo corresponde. Isso é um esforço de imaginação que vai contra a espontaneidade desta. A imaginação se deixa levar por símbolos, apelos e reage imediatamente. Em terceiro lugar, não busque nenhuma comunidade ou instituição que o proteja das incertezas — nem mesmo a Igreja Católica. Ela não vai protegê-lo disso aí. Todas essas instituições, mesmo aquelas que são originariamente divinas, são movidas por homens. Em princípio, não há como outro homem pensar por você — isso é impossível. Não digo que temos de pensar com nossa cabeça. Lamentavelmente, nós sempre pensamos com a nossa cabeça porque não temos outra.

Não procure proteção jamais. Você tem de procurar proteção na outra vida, no Juízo Final — isso você tem de procurar. Não busque proteção psíquica. Você tem o direito de buscar proteção física para você e sua família, mas não psíquica. Esteja exposto aos quatro ventos e não tenha

medo de absolutamente nada. Não tenha medo de nenhum fato que vai escandalizá-lo. Se tiver que vir o escândalo, que venha. Que nós podemos fazer? Tudo isso não tem nada a ver com a confiança em Deus. Ele está sempre presente por trás de toda confusão e miséria humana e somente a Ele você deve se agarrar; somente a Deus. Quando eu digo isto, é difícil as pessoas aderirem a uma religião sem tentar se apoiar nela para efeito de proteção psíquica ou como algo que vai aumentar o seu poder de julgar o próximo. Estou dando aulas há trinta anos e raramente vejo as pessoas melhorarem no sentido mais óbvio que é o do amor ao próximo. Raríssimamente vi qualquer sinal de amor ao próximo na sociedade brasileira. As pessoas estudam, evoluem, mas continuam adorando julgar o próximo. Dificilmente pensam assim: bom, eu posso julgar o sujeito se eu fiz algo por ele — se eu o ajudei de todas as maneiras para ele melhorar e ele não melhorou. Aí sim, fora disso não. “Não julgueis para não serdes julgados” é absolutamente essencial. Eu estou dizendo isso na questão da convivência humana. É claro que nós podemos julgar atitudes públicas — ações de políticos ou idéias que circulam —; tudo isso nós podemos julgar. Mas julgar pessoas? Faz trinta anos que estou sentado aqui na minha cadeira de professor e ouço pessoas virem falar mal dos outros. Eu não quero ouvir e nem saber os defeitos do fulano. Parece uma coisa incoercível, a pessoa tem de fazer isso. Mas isto é uma coisa que você tem de perder, pois se não perder isso, você nunca saberá o que é realidade e estará sempre preso dentro desse circuito de idéias e símbolos autolisonjeiros que farão você, por momentos, sentir-se superior a alguém. Sentir-se superior não significa absolutamente nada. Todo mundo, às vezes, se sente superior. Sempre há alguém pior do que nós, e que vantagem Maria leva? Você não é o outro. Do que adianta você achar que é melhor do que outra pessoa? Você só será você mesmo e não há nada mais que você possa ser.

Quinto conselho: aja sempre diante da perspectiva da morte. Eu vou morrer e vou para o Juízo Final agora. O que eu levo? Levo as minhas belas qualidades, as minhas superioridades e aquilo tudo que falei contra os outros? Não faça isso. Você tem de aprender a arte da convivência humana. A arte da convivência humana é simplesmente amar o próximo como a si mesmo. Nunca julgar o outro sem ser pelo mesmo critério que você julga a si mesmo. E, se possível, não julgar de maneira alguma. Tentar ser bom. É a norma do Goethe — que não era nem cristão: “seja digno, prestativo e bom”. Faça isso e você verá que aos poucos a sua inteligência ficará mais clara. Se você sente no fundo que é um fracassado, um cara errado, defeituoso etc., você ficará o resto da vida buscando compensação. Em geral, as pessoas trazem todas essas coisas da infância. Sabe como você faz? Pergunta para Jesus Cristo: será que eu sou tudo isso mesmo — e se eu for você gostará menos de mim? Que diferença fará os meus defeitos? Se você coloca o amor a Deus e ao próximo acima dessas coisas, neutraliza tudo. Não ache que eu também não fui um cara cheio de complexo, problema; também fui. Só que um dia eu vi a luz. Isso não dá camisa a ninguém. Através do amor ao próximo [1:10] você cura todo complexo de inferioridade que você tem. Se você se sente inferior ao cara, ótimo, ele é melhor que eu, então vou ser melhor para ele para que ele seja melhor ainda. Aprender a admirar as qualidades alheias e ver sempre o que há de bom nas pessoas, mesmo sabendo o mal que tem lá. Quando você vai à Igreja, não reza “não olheis para os nossos pecados”? Se você pede para o próprio Deus desviar os olhos, por que você também não os desvia? Simplesmente não olhe. Tem pessoas que eu conheço há cinquenta anos e já as vi cometer todo tipo de erro, estupidez etc.. Mas por que eu vou ficar olhando isso se

a pessoa também tem coisa boa e a gente pode olhar para a coisa boa de modo que essa cresça? Ser digno, prestativo e bom — eu acho que isto é a base da inteligência.

Muitas pessoas escrevem perguntando o seguinte: eu quero entrar no curso e gostaria de saber se é possível acompanhar o curso no estado em que está e que conhecimentos eu precisaria ter etc.

1) A pergunta é desnecessária porque a filosofia tem uma estrutura necessariamente circular e não linear. Nós voltamos sempre aos mesmos problemas em diferentes níveis como numa espiral. Portanto, tanto faz entrar aqui ou ali, você estará sempre no começo e no fim. Nós estamos sempre recomeçando. Veja que pegamos aqui o mesmo problema, várias vezes e em vários níveis diferentes.

2) Eu concebi esse curso para que qualquer um pudesse entrar a qualquer momento, de modo que acompanhar a aula presente e ao mesmo tempo ir seguindo as aulas pela ordem sempre dará certo. Eu lhes garanto que muita gente já fez isso, você também fará e dará certo do mesmo modo. Que conhecimento anterior precisa ter? Nenhum. De preferência nenhum. Se não sabe absolutamente nada, você é o meu aluno ideal — pelo menos não vem com a cabeça cheia de julgamentos preconcebidos. E se você se acha burro, excelente, essa é uma grande qualidade. Sentir-se burro permanentemente é uma garantia de que você vai tentar se tornar um pouco mais inteligente. Não se preocupem com isso, podem entrar a qualquer momento no curso. As gravações estão todas em ordem e vocês podem acompanhar a aula presente — não tem importância se você não entendeu nada, guarde na memória que um dia entenderá. Se você exige entender tudo na hora, você nunca entenderá coisa nenhuma. Tem problemas que eu guardei na minha cabeça durante trinta anos. Quando eu estava no ginásio e o professor disse que um ponto não media nada e uma reta se cumpria de pontos, fiquei pensando nisso até os trinta e oito anos. Aos trinta e oito anos eu achei a solução; até lá eu estava na dúvida.

Até semana que vem e muito obrigado.

Transcrição: Aline Ribeiro Borges, Geraldo Magela de Oliveira Junior, Evandro Santos de Albuquerque.

Revisão: Mariana Belmonte